

## Aos onze anos, diplomata por covardia

Outubro de 1962. Recostada em sua poltrona, minha avó faz crochê. Perto dela, leio o cabeçalho sensacionalista do jornal com a foto que ilustra o bloqueio naval imposto a Cuba. A notícia fala da ameaça de uma guerra nuclear entre os Estados Unidos e a União Soviética. Fico ali, procurando possíveis saídas para a crise, o olhar fixo na imagem meio fora de foco e cinzenta dos navios de guerra: “Poxa, e logo eu que queria ser da Marinha que nem o almirante Nelson...”



Volto-me para minha avó, disfarço o medo e pergunto se todo mundo vai à guerra. Fico sabendo que, em princípio, sim. Primeiro chamam a Marinha, o Exército e a Aeronáutica. Depois, todos os homens que tenham feito o serviço militar. Não me convenço, insisto:

- Engenheiros?
- Engenheiros.
- E os médicos, os advogados?
- Os médicos e os advogados, também.
- Padre vai?
- Vai. Na última Grande Guerra, muitos deles até morreram em combate.

Desolado, não dou mais uma palavra. Minha avó parece ler os pensamentos que me afligem. Diz que se enganou, que nem todo mundo vai à guerra. Pulo com entusiasmo até sua poltrona, quero saber logo que profissão é essa! Os diplomatas. Os diplo... o quê? Os diplomatas, ela repete. E explica: são homens que durante a paz negociam o mais que podem para não haver guerra e, quando a guerra é inevitável, fazem tudo para que ela acabe logo. São assim uma espécie de soldados da paz.

A partir desse momento, desisto da Marinha. Por covardia, não quero mais ser almirante nem me chamar Nelson. Acho bem melhor ser diplomata. Meu novo nome? Não faço ideia. Depois, eu escolho.

Foto:

*Fim da crise: mísseis cubanos voltam para a União Soviética em 12 de novembro de 1962.*